

DOI: 10.17234/SRAZ.66.1

UDK: 821.134.3.09 Pessoa, F.

Original scientific paper

Recebido a 8 de julho de 2020

Aceite para a publicação a 18 de outubro de 2021

## Fernando Pessoa e a saudade “do que nunca houve”

Paulo Borges

Departamento de Filosofia e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

pauloaborges@gmail.com

Fernando Pessoa explora muitos horizontes novos na experiência da saudade. Destacamos a saudade “do que nunca houve” ou “das coisas que nunca foram”, associada a um desejo de evasão radical do domínio do existente e do seu princípio, a saudade dos seres imaginados e a recusa da saudade existencial, inerente às escolhas ao longo da vida, em prol da experiência simultânea de todos os possíveis, cumprindo o impulso holotrópico da própria saudade no ser e “sentir tudo de todas as maneiras”. Esta saudade está fortemente marcada na *Ode Marítima*, vinculada a uma saudade metafísica da pré e supra-existência que se converte num singular e exacerbado arrebato extático-dionisiaco da consciência.

*Palavras-chave:* Fernando Pessoa, saudade, supra-existência, infinito, totalidade

Fernando Pessoa é, nas suas palavras, “um poeta animado pela filosofia” (Pessoa 1966: 13), com um pensamento cuja dimensão e valor filosóficos são crescentemente reconhecidos. Fruto da sua radicação na “nova poesia portuguesa”, que considera provir de Antero de Quental até Teixeira de Pascoaes e aos poetas saudosistas (Pessoa 1986b: 1145-1203), de um diálogo tenso e constante com Pascoaes (Lourenço 1978: 100; Feijó 2008: 602; Borges 2008c; Feijó 2015; Borges 2016b; Bessa-Luís 2019), mas também de uma marcante impregnação pelo tema e pelo sentimento, a saudade tem uma presença dispersa mas muito significativa na obra pessoana (Antunes 1983), que tem dela uma experiência bastante inovadora, sem jamais propriamente a teorizar.

Creemos haver também uma saudade implícita em muitos poemas de Fernando Pessoa, a começar pela poesia em língua inglesa, onde se respira a atmosfera da anamnese e do desejo de regresso a uma vida radicalmente anterior a tudo o que é manifesto e conhecido. Interpretamos isto como decorrente das fontes poético-literárias inglesas em que bebe o jovem Pessoa, eivadas de neoplatonismo, mas também da precoce visão-sentimento neognóstica de estranhamento do mundo (Sloterdijk 2008) que o leva precisamente a eleger essas e outras fontes e que o acompanha ao longo de toda a vida e obra, traduzindo-se no típico desassossego

e na confissão da impossibilidade de uma plena inscrição na existência, bem como da dificuldade ou mesmo incapacidade de viver não só as dimensões mais convencionais da vida, mas ainda a própria vida como tal. Assim acontece nos sonetos publicados em 1918, nomeadamente quando proclama haver algo em si anterior ao surgimento do mundo e ao "nascimento de Deus". Esse algo é afim à comunhão com um "dia absoluto", perante o qual tudo o que é quotidiano se despotencia como decadente e envelhecido (Pessoa 2000: 56).<sup>1</sup> Mais explícito ainda é outro soneto onde o poeta se afirma "Mais antigo do que a Natureza e o seu Tempo / Ao longo da intemporal idade da Consciência", anunciando que o seu "esquecimento adulto do clima" onde nasceu não o torna "sem pátria", pois o "desejo ardente de um exílio" evade-se através dos seus pensamentos "para a luz do dia dessa terra onde outrora" sonhou (Pessoa 2000: 70). Traço de uma implícita saudade do eterno encontramos-lo ainda na referência a uma nova encarnação no "círculo do renascimento que se amplia" (o que sugere a metempsicose), acompanhado da "antiga tristeza pela morada imortal" (Pessoa 2000: 48).

Flagrantes são também outros poemas, como "Anamnesis", onde a reminiscência refere uma pré e supra-existência que, porventura mais radical do que em Platão, é a de uma "vida perdida", "antes de/diante de Deus" ("before God"), que se lamenta como uma arrebatada "infância anterior à Noite e ao Dia" (Pessoa 2000: 258). Configura-se aqui a saudade de uma infância metafísica, pré-natal - por vezes também associada à saudade da infância biológica, por esta se manter ainda mais próxima disso que se perde ao nascer - , como um tópico recorrente na poesia de Pessoa, tal como o é na de Pascoaes. O mesmo se confirma no poema "The Foreself", onde se afirma que se teve "um eu e uma vida / Antes deste eu e desta vida", referido como o "ser desconhecido" que se é verdadeiramente (Pessoa 2000: 274, 276). É essa mesma instância que acima de tudo vemos figurada nesse misterioso, estranho e irrepresentável "King of Gaps" ("Rei das brechas / aberturas / vazios / hiatos / intervalos"), "senhor do que está entre uma coisa e outra", dos "entre-seres", num "reino estranho e mudo" fora das categorias humanas de tempo e espaço. Sem ter início ou fim, nada é senão "um abismo no seu próprio ser" e "todos pensam que ele é Deus, excepto ele próprio" (Pessoa 2000: 280). Este tema continua o Deus que o não é para si mesmo de Antero de Quental (1994: 107, 117) e antecipa o Deus ateu de Pascoaes (1945: 275-76), também retomado por José Marinho (1961: 23).

É a experiência ou a saudade desta paradoxal (não-)identidade, na verdade um vazio de identidade, esse (não-)eu sem limites e portanto sem dimensão ("O abismo é o muro que tenho / Ser eu não tem um tamanho" (Pessoa 1986a: 264), que simultaneamente possibilita e move a experiência heteronímica, enquanto aspiração e exercício de actualizar simultaneamente muitos possíveis e ao limite de imaginar ("Posso imaginar-me tudo, porque não sou nada. Se fosse alguma coisa, não poderia imaginar" (Soares 1998: 185)), ser e "sentir tudo / De todas as maneiras" (Pessoa 1986a: 282, 933), como no mote do programa sensacionista (Borges 2011, 15-43; Borges 2008c: 73-90, 135-54). Um dos mais

---

<sup>1</sup> A tradução dos excertos dos poemas ingleses é sempre da nossa autoria.

essenciais e inovadores aspectos da saudade em Fernando Pessoa é ela ser assim a saudade de não haver saudade no sentido de se transcender a condição da "saudade imanente" teorizada por Leonardo Coimbra como inerente à própria condição humana, a de fazer opções que implicam sempre a exclusão de outras possibilidades, constituindo a *ex-sistência* como um devir diferenciador que sulca o mundo num trilho de afirmações que é simultaneamente um rasto de recusas. Como alternativa tanto a isso quanto à saudade transcendente que em Leonardo recorre humilde e cristãmente para a absoluta dependência de um Deus criador (Coimbra 1988: 140-42), Pessoa assume um vazio de si, uma ausência de determinações, que lhe permite ser, viver e sentir (ou aspirar a ser, viver e sentir) tudo "de todos os modos possíveis ao mesmo tempo" (Pessoa 1986a: 933), no que por vezes confessa como a realização porventura insuportável de ser Deus:

"Se o realizasse morreria talvez, não sei porquê, mas não se deve poder viver depois disso, tamanho o sacrilégio cometido contra Deus, tamanha usurpação do poder divino de ser tudo" (Soares 1998: 172).

Outras vezes, contudo, esse "King of Gaps", esse vazio ou nada ser, esse além-Deus e além-ser incriado e não criador, surge como a "única anterior realidade" imanente da qual tudo o mais, incluindo as múltiplas e heteronímicas configurações de si, são meras "reflexões falsas" (Pessoa 1986b: 1013) e ilusórias ou o teatro da vacuidade e da impossibilidade de constituição de um eu substancial (Borges: 2011), num ilusionismo do jogo do sujeito e do mundo até certo ponto afim ao que encontramos em Pascoaes (Borges 2008c: 7-14). Ainda na linha de Pascoaes, a suprema e mais inovadora saudade em Pessoa é a dessa "outra coisa que se não conheceu", por exceder todas as determinações ontoteológicas, todo o conhecimento possível e toda a condição e situação existenciais e humanas, agudizando a "inquietação de estar aqui" e a ânsia de uma salvação do existir, sentida como algo paradoxalmente possível e impossível ao mesmo tempo:

"Tantas vezes, tantas, como agora, me tem pesado sentir que sinto – sentir como angústia só por ser sentir, a inquietação de estar aqui, a saudade de outra coisa que se não conheceu [...].

Ah, quem me salvará de existir? Não é a morte que quero, nem a vida: é aquela outra coisa que brilha no fundo da ânsia como um diamante possível numa cova a que se não pode descer" (Soares 1998: 227).

É quiçá a esta apofática e metafísico-mística saudade do não-existente ou supra-existente que o Pessoa ortónimo se refere quando escreve:

"Vaga saudade, tanto  
Dóis como a outra que é  
A saudade de quanto  
Existiu aqui ao pé.

Tu, que és do que nunca houve,  
Punges como o passado  
A que existir não aprovou" (Pessoa 1986b: 393).

Bernardo Soares também fala de “saudades” de “quem eu nunca fui”, associadas a “um grande cansaço na alma do meu coração”, confessando não saber “que espécie de saudades” é essa (Soares 1998: 201). Vemos esta saudade como íntima parente dessa “ambição mais negativa do que o nada” que diz inerente ainda a “um cansaço [...] terrível da vida” que por vezes subitamente o acomete:

“É um cansaço que ambiciona, não o deixar de existir – o que pode ser ou pode não ser possível -, mas uma coisa muito mais horrorosa e profunda, o deixar de sequer ter existido, o que não há maneira de poder ser” (Soares 1998: 157).

Note-se que este desejo da reversibilidade da existência, o “desejo de nunca ter sido nada” (Soares 1998: 78), que em Pessoa é um desejo do impossível a não ser quando proclama não ser nada (Soares 1998: 214) nem ninguém (Soares 1998: 257-258), é em Pascoaes certeza de que assim será – “Também há-de chegar o dia em que eu próprio nunca existi. E há-de chegar também o dia em que o mundo nunca existiu: o mundo, o Sol e as estrelas...” (Pascoaes 1973: 189) – ou experiência actual de suspensão do existir: “[...] há *horas* em que Deus não existe, em que nada existe!” (Pascoaes 1973: 232).

A saudade “do que nunca houve” é todavia também, na experiência do sonhador e imaginador activo que é Bernardo Soares (Borges 2018), a das “figuras” sonhadas e visionadas, choradas por “não serem reais”, sendo a esse respeito que diz não haver “saudades mais dolorosas do que as das coisas que nunca foram!” (Soares 1998: 121).<sup>2</sup> A impotência dessa saudade para tornar reais os seus “amigos de sonho”, “independentes da minha consciência deles”, é motivo aliás de uma veemente “raiva” “contra Deus, que criou impossibilidades” (Soares 1998: 122). É o que encontramos também numa das passagens mais significativas do *Livro do Desassossego* onde, experimentando o “horror” de “uma vontade de não ter pensamento, um desejo de nunca ter sido nada, um desespero consciente de todas as células do corpo e da alma”, o identifica com “o sentimento súbito de se estar enclausurado na cela infinita. Para onde pensar em fugir, se só a cela é tudo?”. Perante essa experiência da própria existência e do próprio real, em sua imensidão, como prisão e condicionamento, surge a mais radical das insurreições:

“E então vem-me o desejo transbordante, absurdo, de uma espécie de satanismo que precedeu Satã, de que um dia – um dia sem tempo nem substância – se encontre uma fuga para fora de Deus e o mais profundo de nós deixe, não sei como, de fazer parte do ser ou do não-ser” (Soares 1998: 78).

Metafísica insurreição contra o suposto da própria metafísica e da sua “questão fundamental” – “PORQUE HÁ ANTES ALGUMA COISA QUE NADA?” (Leibniz 1986: 45; Heidegger 1987: 43 e 45; Heidegger 1985: 13) -, ela radicaliza a “evasão” como “necessidade de sair de si mesmo”, tema de um curto ensaio de Lévinas (1992: 96-99; Borges 2006: 189-97), ao visar a desinscrição radical da condição de

---

<sup>2</sup> No rascunho de uma carta a Adolfo Casais Monteiro, Pessoa confirma ser “uma das grandes saudades” da sua vida a que sente das “personalidades fictícias” visionadas desde criança (Pessoa 1986b: 1024).

possibilidade do existir como evasão de "Deus" enquanto princípio e fundamento de todas as antinomias ontológicas. Que uma particular forma da saudade se comprometa com essa insurreição e que dos seus limites operativos resulte uma sublevação contra a ordem do real e do mundo, bem como contra o seu princípio e fundamento, mostra que o impulso e movimento desta saudade pessoana vai, exacerbando o "excesso" com que a identificou Leonardo Coimbra (1984: 77), no sentido da transgressão de todos os limites, numa rebeldia contra todas as determinações metafísicas, ontoteológicas e ônticas que procede de uma aspiração a que tudo seja possível, incluindo o nada ter sido ou ser possível. Renova-se aqui o projecto neognóstico e místico de transcender Deus ou de transcender o próprio transcendente, muito presente nos textos mais esotéricos de Pessoa, como *O Caminho da Serpente* e o *Tratado da Negação* de Raphael Baldaya (Pessoa 1985; Pessoa 2017; Pessoa 2018), o qual temos procurado interpretar (Borges 2011: 45-111, 231-71; Borges 2009: 439-57), também no sentido de uma outra versão da *morte de Deus*, em diálogo com Mestre Eckhart e Friedrich Nietzsche (Borges in: Pessoa 2017: 123-52).

Na nossa leitura da experiência fundamental de Pessoa, a eficácia daquelas determinações metafísicas, ontoteológicas e ônticas de que a saudade aspira a libertar-se depende todavia da determinação egológica, sendo desta que o poeta pensador visa sobretudo evadir-se, também por rememoração de um estado livre da clausura do "eu". Assim acontece quando, confrontado com o "claustro de ser eu", que diz ser não um "lugar", mas um estado da "mente", rememora quanto de si "deixou de ser", supostamente nesse aprisionamento egológico (Pessoa 1986a: 231). Há assim saudade de si, mas num estado sem si de si, o que por vezes assume outros sentidos, quando por exemplo diz "Tenho saudades de mim", recordando uma fase de criatividade mais espontânea e menos pensada (Pessoa: 1986a: 331).

Esta saudade de si é por vezes, como no drama *Primeiro Fausto*, e mostrando um Pessoa muito inserido na vertente neognóstica de pensamento sobretudo saliente em Sampaio Bruno e Teixeira de Pascoaes, a de um "Pedaço de alma de possível Deus / Arremessado para o mundo / Com a saudade pávida da pátria". Note-se que esta saudade da "pátria" é a saudade de ser plena e conscientemente Deus, antes da queda na inconsciência que aparentemente o humaniza: "Há um orgulho atro que me diz / Que sou Deus inconscienciando-me / Para humano" (Pessoa 1986a: 616). A saudade em questão não é assim "imanente" nem "transcendente", consoante a sua teorização em Leonardo Coimbra (1988: 141), não é horizontal nem vertical, sendo antes a saudade de um fundo oculto do ser que é o imo da própria consciência que o não reconhece, presa que está a uma identidade ou identificação fictícia. Como escreve Ricardo Reis: "E a saudade que me aflige a mente / Não é de mim nem do passado visto, / Senão de quem habito / Por trás dos olhos cegos". Esse outro inaparente e mais autêntico que na saudade se pressente só se entremostra no "instante": "Nada, senão o instante, me conhece" (Pessoa 1986a: 848-49). Também Álvaro de Campos subscreve esta emancipação da saudade relativamente ao que foi e ao que será: "E a saudade que sinto não é nem do passado nem do futuro" (Pessoa 1986a: 966).

Quanto à relação de Pessoa com a “nova poesia portuguesa”, da qual se constitui como intérprete nos artigos publicados em 1912 em *A Águia* e que considera decorrer do “precursor” Antero de Quental (Pessoa 1986b: 1158) até Pascoaes e aos poetas do círculo saudosista pascoalino, é muito significativo que nunca refira a saudade ou o saudosismo numa hermenêutica que visa precisamente mostrar as características fundamentais dessa nova corrente literária e provar, com recurso ao raciocínio histórico-sociológico, a justeza absoluta das “intuições proféticas do poeta Teixeira de Pascoaes sobre a futura civilização lusitana” (Pessoa 1986b: 1152) e europeia que, segundo o visionário do Marão, resultaria precisamente da transformação saudosa das consciências. Considerando que “a mais notável e original feição da nova poesia portuguesa” é “*o encontrar em tudo um além*” (Pessoa 1986b: 1176), concordando com a tese pascoalina de que “a Alma Portuguesa está criando, através da sua actual Poesia, um novo conceito emocional – e portanto colectivo e nacional – do Universo e da Vida”, que representará um superior e “novo estádio criador” na evolução da “alma europeia” (Pessoa 1986b: 1182), Pessoa nomeia essa nova visão-experiência do mundo como “transcendentalismo panteísta” (Pessoa 1986b: 1189), considerando ser dele que surgirá uma “Nova Renascença” na qual a realidade será concebida como “*Natureza-Alma*” (Pessoa 1986b: 1202-03), omitindo completamente as teses de Pascoaes sobre a saudade e o saudosismo que nesse mesmo ano e na mesma revista *A Águia* o seu director havia tão empenhadamente manifestado. Se juntarmos a isto o facto de que Pessoa nos mesmos ensaios afirma que “a actual corrente literária portuguesa é completa e absolutamente o princípio de uma grande corrente literária”, daquelas que por sua vez “*precedem as grandes épocas criadoras*” e civilizacionais das nações, e que isso prenuncia “o próximo aparecer de um supra-Camões na nossa terra” (Pessoa 1986b: 1153) - onde é difícil não vislumbrar uma autoprofecia, numa precoce consciência do seu valor como poeta, assim como do sentido e alcance da sua obra -, parece evidente que Pessoa, mediante a aparente confirmação e valorização das teses de Pascoaes e do não nomeado saudosismo, na verdade os menoriza, descentra e subsume numa nova corrente literária futura, transferindo a liderança desse movimento de Pascoaes para um “Grande Poeta” a aparecer em breve (Pessoa 1986b: 1153), que se tornaria não só o supremo poeta português, mas ainda “o poeta supremo da Europa, de todos os tempos” (Pessoa 1986b: 1193), e que seria o próprio Fernando Pessoa. Parece evidente que o autor da *Mensagem* tem desde cedo um outro projecto, literário, filosófico e de intervenção social, que passa pela superação de Luís de Camões, de Teixeira de Pascoaes e do saudosismo, o qual no entanto chega a valorizar, escrevendo haver que “criar a atmosfera moral necessária ao saudosismo”, mas apenas como “base do sebastianismo”, que há que “implantar”. É só nesse sentido que considera positiva “A divinização da Saudade”, afirmando que “Pascoaes está criando maiores cousas, talvez, do que ele próprio mede e julga” e que “A alma lusitana está grávida de divino” (Pessoa 1986c: 627). Pessoa subordina o saudosismo aos seus convergentes projectos próprios, seja o neosebastianismo quinto-imperial, seja o paganismo transcendental, onde também se demarca da proposta saudosista e pascoalina de união de Jesus e Pã:

“Não uma fusão do cristianismo e do paganismo, como querem Teixeira de Pascoaes e Guerra Junqueiro; mas um alheamento do cristianismo, uma simples e directa transcendentalização do paganismo, uma reconstrução transcendental do espírito pagão” (Pessoa 1986c: 627).

Apesar de isso também estar de algum modo presente em Pascoaes, lido para além do saudosismo, Pessoa tem uma visão do destino de Portugal e da civilização que enfatiza claramente um futuro radicalmente inédito e que por isso se emancipa da linguagem e do imaginário da saudade. A visão pessoana transpõe problemáticamente para o domínio nacional e histórico-civilizacional o programa sensacionista de “ser tudo, de todas as maneiras”, correndo o risco de o nacionalizar e de instalar na esfera do colectivo o que porventura só pode ser vivido no íntimo de cada experiência pessoal. Seja como for, no projecto quinto-imperial de Pessoa - que recria heterodoxamente a tradição profético-messiânica do sonho de Nabucodonosor interpretado por Daniel (*Daniel*, 2, 31-45), com um forte impacto na cultura portuguesa, com destaque para o Padre António Vieira (Borges 1985; Borges 2008a; Borges in: Vieira 2014) -, se a saudade cede o lugar ao anúncio da totalidade futura, recordemos que nisso pode cumprir-se ainda o dinamismo holotrópico (Grof 2007: 18) da consciência saudosa, se recordarmos o sentido da saudade como aspiração à *saúde* e *saudação/salvação* de uma experiência integral e total, como o temos pensado a partir da tese de Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1990: 52) (e das sugestões etimológicas do indo-europeu – *sal/- sol* (Borges 2019b)). Se a saudade tem uma presença muito discreta no único livro publicado por Pessoa em língua portuguesa e onde se sintetiza a mensagem fundamental do poeta sobre o sentido e o futuro de Portugal, da humanidade e do mundo, a *Mensagem*, isso não obsta a que a obra não esteja completamente impregnada por esse impulso para a totalidade e a universalidade, que excede largamente os domínios do patriotismo comum ao qual muitas das suas leituras tendem a reduzi-la, como tentamos mostrar no livro dedicado à sua interpretação global, onde sublinhamos o holismo pessoano e o que designamos como “patriotismo trans-patriótico e universalista” (Borges 2013; Borges: 2010).

Sobre a visão do futuro quinto-imperial de Portugal e da consciência humana, transcrevamos a resposta lapidar de Pessoa numa entrevista de 1923:

“- O que calcula que seja o futuro da raça portuguesa?

- O Quinto Império. O futuro de Portugal - que não calculo, mas *sei* - está escrito já, para quem saiba lê-lo, nas trovas do Bandarra, e também nas quadras de Nostradamus. Esse futuro é sermos tudo. Quem, que seja português, pode viver a estreiteza de uma só personalidade, de uma só nação, de uma só fé? Que português verdadeiro pode, por exemplo, viver a estreiteza estéril do catolicismo, quando fora dele há que viver todos os protestantismos, todos os credos orientais, todos os paganismos mortos e vivos, fundindo-os portuguêsmente no Paganismo Superior? Não queiramos que fora de nós fique um único deus! Absorvamos os deuses todos! Conquistámos já o Mar: resta que conquistemos o Céu, ficando a terra para os Outros, os eternamente Outros, os Outros de nascença, os europeus que não são europeus porque não são portugueses. Ser tudo, de todas as maneiras, porque a verdade não pode

estar em faltar ainda alguma coisa! Criemos assim o Paganismo Superior, o Politeísmo Supremo! Na eterna mentira de todos os deuses, só os deuses todos são verdade" (Pessoa 1986c: 703-704).

Se Pessoa se afasta de Pascoaes no plano da visão do futuro de Portugal e da civilização, embora apoiando-se no pensamento que procura superar, o mesmo pode dizer-se da tentativa mais radical de cortar com Pascoaes, a saudade, o saudosismo e toda a tradição poético-literária neoromântica que Pascoaes tardiamente representa em Portugal, com a animação da natureza e o panpsiquismo panteísta que vêm também de Antero de Quental e Guerra Junqueiro e, remotamente, dos Cancioneiros medievais galaico-portugueses. Referimo-nos obviamente a Alberto Caeiro, assumido como "mestre" (Pessoa 1999: 343), em cuja visão-experiência sensorial e não conceptual Pessoa visa libertar-se de tudo isso, mas também, e sobretudo, das suas próprias tensões, desassossegos e conflitos, na sapiencial serenidade que existencial e mentalmente não logrou. Sem explorarmos todas as passagens passíveis de serem lidas como um diálogo implícito com poetas e pensadores como Pascoaes e outros idealistas da natureza, retenhamos apenas a mais flagrante onde se refere significativamente a saudade, no *Guardador de Rebanhos*, longo e icónico poema precisamente de 1911-1912, data em que surgem os primeiros manifestos renascentistas e saudosistas de Pascoaes. Se ao perguntarem ao "guardador de rebanhos" o que lhe diz "o vento que passa" ele responde: "Que é vento, e que passa, / E que já passou antes, / E que passará depois. / E a ti o que te diz?", já a resposta a esta nova pergunta pode personificar Pascoaes, mas também, recordemos e notemos, o próprio Fernando Pessoa, que vimos falar da saudade "do que nunca houve" (Pessoa 1986a: 393) ou, via Bernardo Soares, "das coisas que nunca foram!" (Soares 1998: 121):

"Muita coisa mais do que isso.  
Fala-me de muitas outras cousas.  
De memórias e de saudades  
E de cousas que nunca foram"

Ao que o "guardador de rebanhos" replica:

"Nunca ouviste passar o vento.  
O vento só fala do vento.  
O que lhe ouviste foi mentira,  
E a mentira está em ti" (Pessoa 1986a: 754)

Dediquemos agora uma maior atenção à presença da saudade em alguns momentos fundamentais da *Ode Marítima*, de Álvaro de Campos, pois cremos constituir uma das suas principais chaves hermenêuticas (Borges 2017: 83-116; Borges in: Borges/Souza/Ribeiro 2016a: 100-30).<sup>3</sup> O centro do poema é a alteração do regime comum de consciência, que começa quando o sujeito poético contempla solitário o "Indefinido", numa "manhã de Verão", "no cais deserto" e

---

<sup>3</sup> Veja-se ainda a nossa recriação dramatúrgica da experiência inicial da *Ode Marítima* (Borges: 2017b; Borges: 2019a).



voltado para a barra do Tejo, onde se recorta a forma de um pacote que entra. À medida que o pacote se aproxima a "alma" do poeta está com o menos visível, ou seja, com a dimensão trans-visível e metafísica da "Distância", da "Manhã" e da "Hora" que nele se incorporam por via de uma experiência ambivalente de perturbação e mutação espiritual, sentida como uma "doçura dolorosa que sobe [...] como uma náusea" e o início de um enjoo, "mas no espírito" (Pessoa 1986a: 891). Sente então dentro de si um "volante" começar a girar e à medida que este se acelera a consciência amplia-se e passa a ver e sentir mais. A visão do pacote dilata-se à de todos os pacotes e ao "mistério alegre e triste" de todas as chegadas e partidas noutros momentos, cais e portos, num simbolismo metafísico tão intensa e intimamente sentido como o correr do próprio sangue que transfigura o sujeito, alterando-o, tornando-o outro (Pessoa 1986a: 891). "Todo o cais" se revela então "uma saudade de pedra" na medida em que o espaço que se abre entre cada cais e cada navio que parte remete para a "recordação duma outra pessoa / Que fosse misteriosamente minha", envolvendo o sujeito num sentimento de "angústia" e "tristeza". O distanciamento físico de cada partida evoca o distanciamento metafísico entre o eu empírico e uma trans-dimensão de si, porventura abandonada ou esquecida numa outra partida de um outro "porto" ou "cais", numa outra hora, quiçá num intemporal ou pré-temporal "outrora", numa supra ou pré-existência, anterior ao que agora se é ou aparenta ser no mundo espaço-temporal:

"Ah, quem sabe, quem sabe,  
Se não parti outrora, antes de mim,  
Dum cais; se não deixei, navio ao sol  
Oblíquo da madrugada,  
Uma outra espécie de porto?" (Pessoa 1986a: 892)

Esta interrogação não deixa de integrar a experiência saudosa numa anamnese de sabor indiano, platónico ou neoplatónico, na qual o sujeito sonda a possibilidade de haver transitado de uma anterioridade e intimidade radical, pré-existencial, supratemporal e supra-espacial, inscrevendo-se ou exilando-se na temporalidade e na percepção do mundo físico, numa viagem que antecede "a hora / Do mundo exterior como eu o vejo / Raiar-se para mim" (Pessoa 1986a: 892). Este é um tema que vimos bem presente na poesia inglesa do jovem Pessoa, onde o poeta recorda ser anterior a Deus e ao mundo, à natureza e ao tempo, configurando um sentimento saudoso e de exílio (Pessoa 2000: 56, 70) que é recorrente na sua obra (Pessoa 1986a: 1094, 1116, 1131). O arquétipo dessa "outra espécie de porto", em conformidade com o imaginário da *Ode Marítima*, não é todavia o espaço rarefeito de uma ideia metafísica, como o Absoluto, o Uno ou Deus, mas antes o "Cais Absoluto", paradoxalmente "dalgum modo material, / Real, visível", "duma grande cidade comercial, (...) / Tanto quanto isso pode ser fora do Espaço e do Tempo". Se nisto se afasta do exemplarismo platónico, já dele se reaproxima ao afirmar que tal "Cais Absoluto" seria o "modelo inconscientemente imitado" pelo qual os humanos construiriam os seus "cais de pedra" (Pessoa 1986a: 892), recordando o demiurgo que no *Timeu*

de Platão organiza o mundo sensível contemplando, neste caso conscientemente, o “modelo eterno” do mundo inteligível (Platão 1981: 444).<sup>4</sup> Talvez seja por isso que o “mundo-exterior” é inseparável desse “porto” ou “Cais Absoluto” e há momentos em que essa contiguidade se sente, o que o poeta chama “certos momentos nossos de sentimento-raiz”, em que se abrem portas na consciência para além da evidência do mundo externo pelas quais, “sem que nada se altere, / Tudo se revela diverso” e os cais de pedra humanamente construídos “se anunciam de repente / Cousas-Reais, Espíritos-Cousas, Entidades em Pedra-Almas”. É precisamente o que acontece na experiência da epifania narrada na *Ode Marítima*, na qual o cais físico e empírico subitamente evoca o “Grande Cais donde partimos em Navios-Nações! / O Grande Cais Anterior, eterno e divino!”, o “Grande Cais como os outros cais, mas o Único” (Pessoa 1986a: 892-93). O sentimento do “mistério e sentido parados / Em divino êxtase revelador / [...] é ponte entre qualquer cais e O Cais!” (Pessoa 1986a: 893), restabelecendo a conexão entre o visível e o invisível que a percepção comum encobre e ignora. É no desvelar desta conexão que consiste a crescente transfiguração da consciência que a partir daqui o poema narra.

É de notar que num outro importante poema, aproximadamente contemporâneo da *Ode Marítima* – “Além-Deus” -, também se narra uma profunda alteração do regime habitual de consciência a partir de uma contemplação do Tejo: “Olho o Tejo [...] // E súbito encontro Deus” (Pessoa 1986a: 1091). O rio e a sua foz aberta ao ilimitado celeste e oceânico parecem ter configurado uma paisagem bastante propícia a algumas das experiências mais incomuns e inspiradoras do poeta lisboeta, como o atesta ainda a conclusão do *Ultimatum*, cuja saudação ao “Infinito” não deixa de ser afim à contemplação do “Indefinido” que abre a *Ode Marítima*, num mesmo impulso para a “experiência-cume” de transcensão de todos os limites no ilimitado (Maslow 1994: 19-29): “Proclamo isto bem alto e bem no auge, na barra do Tejo, de costas para a Europa, braços erguidos, fitando o Atlantico e saudando abstractamente o Infinito” (Pessoa 2009: 273). Vemos a saudação ao “Infinito” como íntima ao movimento da saudade para a saúde do estado de plenitude integral do ser.

Destacamos ser a partir desse visionário vislumbre da presença (embora ausente e saudosa, porque invisível) do “Grande Cais Anterior, eterno e divino”, no cais em que se está e em todos os cais visíveis, que a consciência se abre na evocação de todas as experiências da vida marítima passada que se desejam intensamente presentes, num crescendo até ao apogeu dionisíaco dessa “ebriedade do Diverso” de todas as “fugas contínuas” e “idas”, ou do “mistério de cada ida e de cada chegada” (Pessoa 1986a: 893), inerente à aventura das grandes e perigosas viagens marítimas, exuberantes da experiência do desconhecido, imprevisível e instável, bem como da dialéctica entre distanciamento e proximidade. Nisso tudo avulta o medo e a sensação das “entranhas” que “se arrepanham” no partir e no

---

<sup>4</sup> Por este motivo só parcialmente concordamos com José Gil quando demarca o “Cais Absoluto” da “ideia platónica do Cais” (Gil in: Pessoa 2013: 60).

chegar, que o poeta sente e vê como o universal receio do abandono do mesmo e do conhecido e do contacto com o outro e o desconhecido. Todo o corpo sente nisto "Uma saudade a qualquer cousa", uma perturbação dos afectos por uma "vaga pátria" (Pessoa 1986a: 894).

Isto precede imediatamente o acelerar do "volante" interior (Pessoa 1986a: 896), confirmando a relação directa entre o pressentimento saudoso do "Grande Cais Anterior, eterno e divino", e o dinamismo *holotrópico* da consciência (Grof 2007: 18) em demanda de sentir tudo de todas as maneiras a partir das mais intensas modalidades da vida marítima. À medida que o pacote se aproxima todo o sujeito poético estremece de saudade, não já apenas pessoal, mas universal, por aquela "criatura" que nunca chega e sempre se espera, configurando um arquétipo de todas as frustrações da humanidade ao esperar ver e tocar o que não pode ser visível e tangível (Pessoa 1986a: 894-95). A transfiguração saudosa abrange todos os navios que chegam, que partem e que "passam ao longe", que comovem o sujeito "como se fossem outra cousa", ao que não escapam "os navios vistos de perto", que "são outra cousa e a mesma cousa" simultaneamente, suscitando "a mesma saudade e a mesma ânsia doutra maneira" (Pessoa 1986: 895).

Tudo se passa como se fosse a saudade do "Grande Cais Anterior, eterno e divino" – com uma função análoga à do "Modelo" inteligível do demiurgo platónico (Platão 1981: 446, 452) –, que desperta a ânsia de totalidade que doravante move o poema até ao paroxismo e que tanto marca o projecto sensacionista. Como referimos, a saudade de uma vida primordial e inefável anterior ao nascimento do sujeito no mundo, ao próprio mundo e ao Deus que surge como o seu criador é um tema marcante dos sonetos ingleses de Pessoa e de outros momentos da sua obra e consideramos serem as situações-limite de irrupção da experiência dessa vida primordial – na nossa visão a saudade é antes de mais experiência disso de que se é saudoso (Borges 2008b: 33-37) – que originam os estados diferenciados de consciência sem os quais não é possível compreender o mais singular da obra pessoana, incluindo a heteronímia, esse ensaio de ser tudo por não se ser nada: "Posso imaginar-me tudo, porque não sou nada" (Soares 1998: 185). Tudo se passa como se só o ser e "sentir tudo de todas as maneiras" (Pessoa 1986a: 302, 933, 938, 1024) pudesse saciar o desejo saudoso de recuperar a plenitude e totalidade primordial e pré-existencial, redimindo o sujeito do "claustro de ser eu" (Pessoa 1986a: 231) e do aprisionamento em si inerente ao nascimento (Pessoa 1986a: 316), mas sem abandonar e rejeitar a existência no mundo sensível e, pelo contrário, exaltando-a e intensificando-a até às últimas consequências. Até certo ponto poderíamos recordar Platão ao afirmar que "os movimentos naturalmente apropriados ao que há em nós de divino são os pensamentos do Todo e as suas revoluções" (Platão 1981: 521). Todavia, a grande e incontornável diferença de Campos e do sensacionismo, em relação aos projectos platónico e neoplatónico, reside em ser o exacerbar das sensações e dos sentimentos, e não o intelecto ou uma união trans-sensível e trans-intelectiva, que se afigura poder conduzir à plenitude e totalidade almejadas, sentindo simultaneamente tudo de todas as formas possíveis e o mais intensamente possível, o que implica a explosão da suposta personalidade única, mas também a unificação das múltiplas

possibilidades de haver personalidades numa crescente assimilação ao universo e à totalidade divina (Pessoa 1986a: 1024-1025).

Tudo se passa como se essa saudade do que se foi antes de se ser (algo ou alguém), dessa pátria ou intimidade abandonada e perdida por essa partida anterior a si (Pessoa 1986a: 892), que tanto recorda o paradoxo do que se era quando ainda se não era em Mestre Eckhart (2008: 553), tudo se passa como se a saudade desse "Indefinido", por cuja contemplação na barra do Tejo tudo começa (Pessoa 1986a: 891), fosse parente do desejo do inefável e da unitotalidade primordial que em Plotino se vê como a coincidência da absoluta indeterminação do Uno com a supra-existência em si de todas as determinações possíveis (Plotino 1967: 33) e também como a vida da Inteligência que é identidade na totalidade das diferenças e unimultiplicidade sem "confusão" nem separação, onde tudo simultaneamente se distingue, co-implica e interpenetra, pois no mundo inteligível "tudo é céu": "a terra", "o mar, os animais, as plantas e os homens" (Plotino 1989: 85-86).

Pesem todas as diferenças, algumas já apontadas, entre Plotino e Álvaro de Campos, não deixa de os aparentar esse erotismo holotrópico da consciência e do ser (holotropismo também saudoso, em Campos) que não se satisfaz com menos do que tudo, aspirando a reintegrar-se ou identificar-se com a totalidade. Como tão emblematicamente exclama o poeta na conclusão da *Ode Triunfal*: "Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!" (Pessoa 1986a: 885). O início da *Ode Marítima* não deixa dúvidas de ser da evocação de uma Origem metafísica radical, embora sentida e vivida na solidão concreta e sensível do "cais deserto", que vem o intenso e extremo holotropismo que preside ao desenvolvimento do poema: "Toda a vida marítima! tudo na vida marítima!" (Pessoa 1986a: 895). O sujeito aspira a cingir e sentir intensamente tudo isso e morrer nessa absorção, talvez por pressentir que só ela o pode ilimitar e libertar de ser sujeito, de existir como alguém definido e delimitado na consciência de si e do mundo para si: "Quería apertá-los ao peito, senti-los bem e morrer!" (Pessoa 1986a: 896). Há neste inconformismo com a individuação e o isolamento egológico, sentidos como uma prisão e uma negação do ser pleno que seria ser tudo - "Ser um é cadeia, / Ser eu é não ser" (Pessoa 1986a: 316) - , uma afinidade com muita da espiritualidade universal - Plotino também diz que a "alma do mundo", ao particularizar-se como humana, "cessa de ser tudo" (1967: 144) - e uma recriação do "sentimento oceânico da vida"<sup>5</sup> numa clara aspiração mística de cunho dionisíaco, em que

<sup>5</sup> O "sentimento oceânico da vida" é uma expressão de Romain Rolland, na correspondência com Freud, que este comenta sem identificar o autor em *O Mal-Estar na Civilização*. Segundo Freud, para Romain Rolland ela é "a verdadeira fonte da religiosidade", sendo "uma sensação de "eternidade", um sentimento de algo ilimitado, sem fronteiras - oceânico", demarcando-se o autor francês da leitura freudiana da religião como ilusão (Freud 1997: 9). É de notar que na experiência de si patente na poética pessoana avultam muitas expressões que convidam a ser lidas como afins a esse "sentimento de algo ilimitado, sem fronteiras": "O abismo é o muro que tenho / Ser eu não tem um tamanho" (Pessoa 1986a: 264); "Conhece alguém as fronteiras à sua alma, para que possa dizer - eu sou eu?" (Soares 1986b: 823).

a absorção libertadora se promove pelo aprofundamento e intensificação das múltiplas possibilidades de experiência da multiplicidade sensível, num violento dilaceramento da unidade do sujeito comum (afim ao *sparagmos* dionisiaco). O sujeito é possuído pelo "delírio das coisas marítimas" que nele se entranham física e psiquicamente, o volante "acelera-se cada vez mais" e sacode-o, no início de um transe (do *transire* latino, o saltar ou passar de um lado para outro) que assume uma crescente intensidade. O engenheiro civilizado aspira então a reviver "a antiga vida dos mares", pois era mais ampla e misteriosa, incarnando uma "Distância" e um "Longe" já metafísicos, libertos da actualidade despotenciada da vida moderna, embora paradoxal e intensamente sensíveis: "Porque os mares antigos são a Distância Absoluta, / O Puro Longe, liberto do peso do Actual..." (Pessoa 1986a: 897). O imaginário tradicional da saudade – a "Distância", o "Longe" – surge aqui associado a uma pulsão extática e dionisiaca da consciência.

A *Ode Marítima* evolui ao longo de várias instâncias de um crescendo extático, marcadas por um velho grito marítimo, até um paroxismo de intensidade e violência que assinala o inverter do movimento no sentido de uma pacificação da consciência que, já transformada, se reconcilia com o mundo actual, próximo e quotidiano. Na verdade o grito agora é outro ou escutado de outra forma, pois é como se "fosse um aroma, uma voz, o eco duma canção" que vem despertar no sujeito a sua "infância feliz", a qual "acorda, como uma lágrima", triste mas serena. O efeito deste grito é diametralmente oposto ao anterior, pois em vez de *ex-citar* o sujeito, ou seja, de o chamar e provocar a sair de si, é agora como um "orvalho" sobre a sua "excitação" que o faz sentir um "frescor nocturno" no seu "oceano interior". Há uma pacificação interna desse fundo oceânico de si e ressurgem agora as imagens, as memórias e as evocações, mas com um registo completamente diferente. Tudo em si é como uma calma noite marítima e é nesse espaço tranquilo e reconciliado que o grito chama por uma "felicidade" que se sabe irrecuperável sem que isso faça sofrer intensamente (Pessoa 1986a: 897).

Dá-se então uma anamnese da contemplação do Tejo das janelas da casa de infância onde se inverte a tonalidade afectiva do sujeito, que vê a sua fúria violenta de há pouco passar agora a "uma inexplicável ternura" e "um remorso comovido e lacrimoso" por todas as "vítimas – principalmente as crianças" - que sonhou fazer no arrebatado êxtase imaginário anterior (onde aspirou a experienciar activa e passivamente toda a violência praticada nos mares). Espantando-se por haver podido pensar e sonhar tudo aquilo, igualmente se espanta pela "histeria das sensações – ora estas, ora as opostas!" (Pessoa 1986a: 911-12). Prossegue a revisitação das memórias de infância, em particular das canções de adormecer da velha tia que tanto amava, acompanhada do remorso de pouco a haver lembrado depois. Com isto se avoluma o sentimento da saudade da infância perdida e da impossibilidade de realizar o desejo de a ela regressar e no seu contentamento para sempre permanecer (Pessoa 1986a: 912-14). Notemos a manutenção da tónica saudosa da experiência, transitando embora da saudade metafísica do "Cais Absoluto" para a mais comum saudade da infância, sendo ainda de realçar que estas duas saudades surgem frequentemente entrosadas nas obras de Pascoaes e Pessoa (Antunes 1983; Borges 2008c).

Concluindo, verificamos que Fernando Pessoa explora muitos horizontes novos na experiência da saudade, que são outras tantas vias abertas ao aprofundamento do seu pensamento e teoria. Destacamos a saudade “do que nunca houve” ou “das coisas que nunca foram”, associada a um desejo de evasão radical do domínio do existente, do ser/não-ser e do seu princípio, a saudade dos seres imaginados e a recusa da saudade existencial, inerente às escolhas e abdições ao longo da vida, em prol da experiência simultânea de todos os possíveis, cumprindo o impulso holotrópico da própria saudade no ser e “sentir tudo de todas as maneiras”. Esta saudade está bem marcada na *Ode Marítima*, vinculada a uma saudade metafísica da pré e supra-existência que se converte num singular e exacerbado arrebatamento extático-dionisiaco da consciência.

Dadas as múltiplas pontes e diálogos intertextuais e interculturais que a hermenêutica dos textos pessoanos convoca (neste caso em torno da multidimensionalidade do tema da saudade), salientamos a necessidade de não se reduzir a hermenêutica de Fernando Pessoa à esfera restrita da cultura portuguesa e dos enfoques literários, sacrificando a universalidade das suas relações explícitas e implícitas com outras áreas, temas e autores.

## Bibliografia

- Antunes, Alfredo (1983). *Saudade e Profetismo em Fernando Pessoa. Elementos para uma antropologia filosófica*, Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia.
- Bessa-Luís, Agustina (2019), *O Susto*, Lisboa: Relógio d'Água.
- Borges, Paulo (1985). *A Plenificação da História em Padre António Vieira. Estudo sobre a ideia de “Quinto Império” na “Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício”*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Borges, Paulo (2006). Além do Ser, in: *Lévinas entre nós* [coord. Cristina Beckert], Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, pp.189-97.
- Borges, Paulo (2008a). *A Pedra, a Estátua e a Montanha. O V Império no Padre António Vieira*, Lisboa: Portugália Editora.
- Borges, Paulo (2008b). *Da Saudade como Via de Libertação*, Lisboa: Quidnovi.
- Borges, Paulo (2008c). *O Jogo do Mundo. Ensaio sobre Teixeira de Pascoas e Fernando Pessoa*, Lisboa: Portugália Editora.
- Borges, Paulo (2009). Transcender Deus: de Eckhart a Silesius, in: *Philosophica*, 34, pp.439-457.
- Borges, Paulo (2011). *O Teatro da Vacuidade ou a Impossibilidade de Ser Eu. Estudos e ensaios pessoanos*, Lisboa: Verbo.
- Borges, Paulo (2013). *É a Hora! A mensagem da Mensagem de Fernando Pessoa*. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores.
- Borges, Paulo (2014). Introdução in: Vieira, Padre António. *Defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício*, Lisboa: Temas e Debates / Círculo de Leitores, pp.11-47.
- Borges, Paulo/Souza, Claudia/Ribeiro, Nuno (2016a). *A Ode Marítima de Álvaro de Campos*, Lisboa: Apenas Livros.

- Borges, Paulo (2016b), A ideia de Renascença na “Renascença Portuguesa”. Teixeira de Pascoaes e Fernando Pessoa, in *A Renascença Portuguesa. Tensões e Divergências* (org. Paulo Borges e Bruno Béu), Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, pp.11-47.
- Borges, Paulo (2017a), *Do Vazio ao Cais Absoluto ou Fernando Pessoa entre Oriente e Ocidente*, Lisboa: Âncora Editora.
- Borges, Paulo (2017b), *O Apocalipse segundo Fernando Pessoa e Ofélia Queirós*: Talencilicious.
- Borges, Paulo (2018). A Vida como Sonho. Rer o Livro do Desassossego à luz do “sonho lúcido” e do “yoga do sonho”, in: *Educação e Filosofia*, vol.32, n.66.
- Borges, Paulo (2019a). *The Apocalypse According to Fernando Pessoa and Ofélia Queirós*, Londres: Splash Editions.
- Borges, Paulo (2019b). *Presença Ausente. A Saudade na Cultura e no Pensamento Portugueses / Nova Teoria da Saudade*. Lisboa: Âncora Editora.
- Coimbra, Leonardo (1984). *Dispersos. I – Poesia Portuguesa*, Lisboa: Verbo.
- Coimbra, Leonardo (1988). *Dispersos. III – Filosofia e Metafísica*, Lisboa: Editorial Verbo.
- Eckhart, Mestre (2008). *Predigten, Werke, I*, Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag.
- Freud, Sigmund (1997). *O Mal-Estar na Civilização*, Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Feijó, António M. (2008), Pascoaes, Teixeira de, in: *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Lisboa: Caminho.
- Feijó, António M. (2015), *Uma Admiração Pastoril pelo Diabo (Pessoa e Pascoaes)*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda;
- Grof, Stanislav (2007). *A Psicologia do Futuro. Lições da Investigação Moderna sobre a Consciência*, Porto: Via Óptima.
- Heidegger, Martin (1985) *Introduction à la Métaphysique*, Paris: Gallimard.
- Heidegger, Martin (1987), *Questions I*, Paris: Gallimard.
- Leibniz, G. W. (1986) *Principes de la nature et de la grâce fondés en raison / Principes de la philosophie ou Monadologie*, Paris: PUF.
- Lourenço, Eduardo (1988). *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Marinho, José (1961). *Teoria do Ser e da Verdade*, Lisboa: Guimarães Editores.
- Maslow, A.H. (1994). *Religions, Values, and Peak-Experiences*, Nova Iorque: Penguin Compass.
- Pascoaes, Teixeira de (1945). *Santo Agostinho (comentarios)*, Porto: Livraria Civilização.
- Pascoaes, Teixeira de (1973). *O Bailado*, Amadora: Livraria Bertrand.
- Pessoa, Fernando (1966). *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, Lisboa: Ática.
- Pessoa, Fernando (1985). O Caminho da Serpente, in: Centeno, Yvette (1985). *Fernando Pessoa e a Filosofia Hermética. Fragmentos do espólio*, Lisboa: Editorial Presença.
- Pessoa, Fernando (1986a). *Obras, I*, Porto: Livraria Lello & Irmão - Editores.
- Pessoa, Fernando (1986b). *Obras, II*, Porto: Lello & Irmão – Editores.
- Pessoa, Fernando (1986c). *Obras, III*, Porto: Lello & Irmão – Editores.

- Pessoa, Fernando (1999). *Correspondência. 1923-1935*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- Pessoa, Fernando (2000). *Poesia Inglesa, I*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- Pessoa, Fernando (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Pessoa, Fernando (2013). *Ode Marítima. Poema de Álvaro de Campos*, Lisboa: Relógio d'Água.
- Pessoa, Fernando (2017). *Raphael Baldaya: fragmentos de uma personalidade pessoana* [ed. Paulo Borges, Cláudia Souza, Nuno Ribeiro], Lisboa: Âncora Editora.
- Pessoa, Fernando (2018). *Rafael Baldaya, el Pessoa hermético y ocultista* [ed. Paulo Borges, Cláudia Souza, Nuno Ribeiro], Madrid: Amargord.
- Platão (1981). *Timeu*, in: *Oeuvres Complètes, II*. Paris: Gallimard.
- Plotino (1967). *Ennéades. V*. Paris: Les Belles Lettres.
- Plotino (1989). *Ennéades. VI 2*. Paris: Les Belles Lettres.
- Quental, Antero de (1994). *Sonetos Completos*, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Soares, Bernardo (1998). *Livro do Desassossego*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- Sloterdijk, Peter (2008). *O Estranhamento do Mundo*, Lisboa: 2008.
- Vasconcelos, Carolina Michaëlis de (1990). *A Saudade Portuguesa*. Aveiro: Estante Editora.
- Vieira, Padre António (2014). *Defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício*, Lisboa: Temas e Debates / Círculo de Leitores.

### **Fernando Pessoa and the saudade “of that which never was”**

Fernando Pessoa explores many new horizons in the experience of saudade. We emphasize the saudade “of that which never was” or “of things that never were”, related to a desire of radical escape from the domain of the existent and its principle, the saudade of the imaginary beings and the refusal of the existential saudade, inherent to choices throughout life, in favor of the simultaneous experience of all the possibles, thus fulfilling the holotropic drive of saudade itself in being and “feeling everything in every way”. This saudade is strongly highlighted in the *Maritime Ode*, linked to a metaphysical saudade of the pre and super-existence that turns into a unique and exacerbated ecstatic-Dyonisian rapture of consciousness.

*Keywords:* Fernando Pessoa, saudade, super-existence, infinity, wholeness